DA LITERATURA E DA CRÍTICA

OBRAS DE «QUALIDADE»

POR JOSÉ RÉGIO

Ao invés do que em geral vejo ser juizo dos meus próprios compatriotas, — (ou já foi, talvez, também juizo meu)—não julgo eu que os portugueses sejam particularmente destituidos de faculdades críticas. Se se pensa, como penso agora, não numa crítica organizada e sistematizada, mas em simples *faculdades críticas*, talvez a nossa história literária no-lo pudesse provar. O que se me afigura, porém, é que tais faculdades são nelas embaraçadas, dificultadas, por características até certo ponto inibitórias da boa *obra* crítica, por exemplo, a paixão particularizante e deformadora; a tendência para as generalizações precipitadas ou improvisações de teorias; o temperamento combativo ou humor polemizante, o subjectivismo de indivíduo ou de escoia, etc. Não obstante, já hoje teremos uma boa dúzia de bons críticos — e não só da coisa literária como da obra de pensamento — que em parte se vão esquivando ao fatalismo de tais características.

Eis por que até certo ponto me surpreende o relativo silêncio mantido à roda de dois livros notáveis, — dos mais notáveis que em seu género têm aparecido entre nós há um bom par de anos. Refiro-me a «*O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*», de José Marinho, e ao primeiro volume das «*Reflexões sobre o Homem*», de Augusto Saraiva.

Trata-se, dir-me-ão, de duas obras de pensamento; e sabe toda a gente como é bem mais fácil (ou pelo menos vulgarmente se julga tal) fazer a crítica dum livro de novelas ou versos. Sabe, também, toda a gente — posto nem toda a gente o confesse — como as obras de verdadeiro pensamento, ou até de verdadeira arte, acham atmosfera pouco favorável nesta nossa época tão perturbada e perturbante. Quase todos exigem, hoje, aos intelectuais, uma posição de interesse activo e directa intervenção perante os problemas urgentes da actualidade — o que, sem dúvida, é compreensível por ser natural e humano.

O que seria, porém, da verdadeira cultura, se, a par dos pensadores e artistas que apaixonadamente desempenham um papel activo nos acontecimentos do momento, e fazem ou divulgação da cultura que lhes *convém*, ou obra de propaganda e combate conscientes, não se mantivessem no seu posto os autênticos *criadores de cultura?*

Chamo assim aos que continuam realizando obra de pensamento, arte ou ciência, sem a preocupação de imediata e directamente servirem; (o que não quer dizer que indirectamente não sirvam, — pois difícil será conceber uma obra que de qualquer modo, consciente ou inconscientemente, e num sentido amplo do verbo, *não sirva*). Falo, em suma, daqueles pensadores, artistas ou sábios para quem a Filosofia, a Arte ou a Ciência são já permanentes valores *em si*, — independentemente do valor temporal que se lhes queira ou possa atribuir; e assim muito mais se preocupam com a *qualidade, categoria* ou *nível* intrínsecos duma obra sonhada perdurável, que, pròpriamente, com as suas possibilidades de acção directa, bom êxito de oportunidade, utilidade prática, etc. Para tais pensadores, artistas ou sábios, sempre as demasiado prementes preocupações desta última ordem oferecerão o risco de perturbarem a profunda seriedade da obra.

A estes chamei *criadores de cultura*. Estes me parecem, com efeito, os que, através de todas as variações do tempo, do espaço e da fortuna, *criam* a cultura que outros, depois, *divulgam* e *aproveitam*. E até sempre me pareceu coisa surpreendente — se não cómicamente interessante — que tanto se reclame, hoje, divulgação da cultura, e ao mesmo tempo se persiga os que verdadeiramente a criam.

Ora as obras de criação de cultura não são muito vulgares entre nós; nem muito características dos tempos actuais. A tal categoria, porém, se me afigura pertencerem os dois livros acima nomeados. Sem dúvida, quase parecerá arrojo ou excentricidade (mas não serão os criadores de cultura sempre arrojados? sempre excêntricos?) abalançar-se hoje um pensador a esclarecer, num espírito de compreensão, o difícil pensamento metafísico de Leonardo Coimbra. Como também quase parecerá excentricidade ou arrojo meter-se outro a reflectir sobre o Homem, sem deixar cegar-se das paixões sectárias hoje apregoadas por virtudes; embora muitas dessas reflexões devessem oferecer — parece — vivo interesse até actual para os que sobretudo se preocupam com o momento; e embora o autor não deixe de marcar a sua posição perante os problemas considerados hoje mais instantes.

Ora agora, pergunto: Não haverá entre nós críticos capazes de, por sua vez, reconhecerem a *qualidade* excepcional destas duas obras, estudando-as, portanto, *sem a fatal tendência polémica para se lhes oporem?* Sem lhes exigirem uma oportunidade superficial a que não aspiram, ou uma atitude que muito conscientemente recusam, ou ideias, juizos, intuições, direcções, significados, que lhes não seriam coerentes nem próprios?

A respeito de estes livros como de outros, e tanto das obras de pensamento como de quaisquer, — sim, acho que vale a pena repetir a pergunta: Não haverá hoje, entre nós, críticos capazes da simpatia indispensável à compreensão crítica—só então verdadeiramente crítica—de qualquer obra?

Há — poderão responder-me. E eu creio que os haja. E, de facto, um ou outro artigo salientou que o livro de José Marinho ou o de Augusto Saraiva eram notáveis. Bem hajam os seus autores! Em comparação, porém, com a adjectivação prestada a ensaios de crítica ou pensamento ainda não passantes de excelentes promessas, — tímidos me parecem os louvores concedidos a obras que poderosamente denunciam maturidade de espírito, capacidade de reflexão, vocação especulativa, persistência de atenção, propriedade de estilo na expressão das ideias...

Com risco de me tornar desagradável aos visados, exemplificarei com o seguinte caso: Sobre «*O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*», publicou Joel Serrão, na «*Seara Nova*», um longo artigo. Joel Serrão é, sem dúvida, um nome já prestigioso entre os dos críticos mais recentemente revelados. Mas o que é, na realidade, o seu artigo sobre o livro de José Marinho? Uma declaração de oposição de atitudes: uma obra de polémica. Sobre um tão longo, meditado e belo ensaio de crítica interpretativa, não quis ou não pôde escrever Joel Serrão com a simpatia indispensável ao reconhecimento da *qualidade* da obra. Se me não atraiçoa a memória, o mais encomiástico adjectivo concedido por Joel Serrão ao livro de José Marinho — foi o comedido, sergiano, discreto, morno atributo de «*relevante*». Porém, o livro de António José Saraiva «*Para a História da Cultura em Portugal*» — mereceu-lhe o epíteto de «*admirável*»; e é com fervoroso entusiasmo que Joel Serrão aconselha a sua leitura.

Pois vejamos; sem dúvida também o livro de António José Saraiva é *relevante*, independentemente de seguir em direcções que julgo muito mais simpáticas que as do livro de Marinho ao espírito de Joel Serrão. Sem dúvida são muito notáveis os seus estudos sobre Oliveira Martins ou Garrett. Mas com as excepcionais qualidades que ressaltam de todo o volume, não passa ele ainda, porém, de uma excelente promessa: Quero dizer que é uma obra desigual (se é que não é antes uma compilação de pequenas obras) onde, por exemplo, um ensaio magnífico de lucidez e

coerência, como «*O Português e o Universalismo*» sofre a vizinhança de «*Para uma Sociologia da Literatura Portuguesa*», manifestamente infeliz em vários passos e por várias razões; ou onde o autor, escrevendo sobre «*Os Lusiadas*», dispende tanto engenho, tanta erudição, e tem observações tão acertadas, *vê*, por vezes, tão bem *em pormenor*, — para chegar a uma conclusão que muito dificilmente aceitaremos por *justa*. Ressente-se o livro de dois grandes perigos: Um, — o do engenho que sempre brilha mas nem sempre esclarece, antes algumas vezes perturba, e outras supõe iluminar todo o seu objecto quando só lhe ilumina uma das faces. Outro, — o da inteligência que demasiado se empenha em *ter razão*, e por isso mais tende a impor uma conclusão que a explorar *desinteressadamente* a complexidade dos assuntos. Aqueles «*se não me engano*», «*se não estou em erro*», «*se bem compreendo*», etc., (condicionais que herdaram de António Sérgio alguns dos nossos novos críticos) — não desmentem suficientemente o orgulho por vezes inoportuno dessa forma de inteligência. Claríssimo está que todo o crítico aspira a ter razão; e por tal se esforça. Mas, sendo alguns deles que mais aludem à dúvida metódica, dir-se-ia também serem os que na realidade menos duvidam.

De modo nenhum se depreenda de isto que eu negue ao livro de António José Saraiva o valor que realmente lhe cabe. Bem pelo contrário: é ele o terceiro dos três livros notáveis a que me propus aludir neste pequeno artigo. Simplesmente, é obra duma juvenilidade ardorosa e extremamente prometedora, mas, naturalmente, ainda não chegada à maturidade. (Feliz defeito, afinal!). Talvez por isso mesmo, parece ter despertado um vivo interesse com que parece não haverem sido agraciados os outros dois. Não só o grande público mas até alguns dos nossos críticos — nem sempre se manifestam demasiado atentos à maturidade e densidade das obras.

Porque tal maturidade, superiormente se afirma na obra (que é verdadeiramente *uma obra*) de José Marinho: Maturidade; densidade de pensamento; posição superiormente compreensiva perante o objecto do seu estudo; esforço, muitas vezes triunfante, por uma clareza de linguagem que nada sacrifique da complexidade das intuições ou ideias; vocação metafísica e dialética poderosamente afirmada na interpretação dum pensamento tão difícil de captar, de reduzir à discursividade, como o de Leonardo Coimbra, — eis, suponho eu, qualidades que elevam o estudo de José Marinho a um nível muito raramente atingido pelas nossas obras de livre pensamento. A exemplificá-las bastaria o admirável capítulo intitulado «*Cosmoantropologia*», na verdade admirável, este.

Ora eu compreendo e admito perfeitissimamente que se discutam os pontos de vista de José Marinho; que se discorde da sua posição inicial, dos seus processos críticos, das suas conclusões; que se oponham à sua obra muitas e variadas reservas. Mas — e dado já de barato que não ache aquela atitude de compreensão que ela mesma não só superiormente exemplifica mas também teoriza como da mais fecunda crítica — não compreendo, não quero compreender que se furte a essa obra o respeito e admiração que exige. Ou será que o vício da polémica esteja contaminando hoje toda a crítica?

Quanto ao livro de Augusto Saraiva — tão diferente do de Marinho mas igualmente revelador duma rara solidez e maturidade de pensamento — suponho que nem mereceu um artigo da extensão e importância do que Joel Serrão dedicou ao primeiro. Julguei eu, quando apareceu a obra, que ao menos o ser parte dela consagrada a problemas hoje muito debatidos lhe valeria um bom êxito, uma atenção, um movimento de interesse que porventura terá despertado particularmente, (quero crê-lo) mas de que não vejo senão escassos sinais na crítica pública. Bem hajam os que souberam ver como, pela substância e a expressão, se eleva ela acima do nível comum das próprias nossas obras de ideias; mas foram tão poucos!

E aqui está como um homem não de todo pessimista perante a nossa crítica contemporânea (o qual é autor destas linhas) se vê forçado a esta dupla verificação melancólica:

— Para as obras de pensamento sério (quero dizer: longamente amadurecido e, portanto, desinteressado duma acção imediata e efémera) ainda se não manifesta entre nós senão uma crítica deficiente ou escassa.

— O *nível*, a *categoria*, a *qualidade* duma obra contemporânea (e quer da obra de pensamento quer da criação artística) não é senão muito difícil ou tìmidamente reconhecível à nossa crítica actual. A reconhecer e fazer reconhecer a *qualidade* duma obra, prefere a maior parte da nossa crítica actual, e possìvelmente da crítica actual de qualquer país, — marcar oposições; ou vincar defeitos e esquecer as virtudes.

Esperemos que tudo sossegue, um pouco, e até os nossos críticos mais distraídos ou mais ressentidos possam abrir-se a uma atitude mais fecunda.

JOSÉ RÉGIO

NOTICIÁRIO

● Morreu em Bordeus o mais antigo patriarca francês dos estudos hispânicos, Georges Cirot, director há 50 anos do *Bulletin Hispanique*. A Faculdade de letras de Bordeus pretende publicar um número especial do *Bulletin* em sua memória e convida os professores portugueses a colaborar.

● A recepção de Paul Claudel na Academia Francesa está marcada não oficialmente, para o primeiro trimestre de 1947. François Mauriac responder-lhe-á em nome da Academia. Claudel vai ocupar o lugar de Louis Gillet.

● *Éditons Sociales* publicou recentemente, da autoria de F. Barret, o primeiro volume de uma importante obra sôbre a economia japonesa, que revela quem são os verdadeiros senhores do Japão, «*L' E'volution du Capitalisme Japonais*». Esta obra terá três volumes. O primeiro apresenta a evolução da estrutura capitalista no Japão: «Trusts», carteis. A concentração e as sociedades de economia mixta: Mitsui, Mitsubiski, Fugita, Mangyo, Sunistomo.

● Voltando da deportação, André Ribard deu os últimos retoques num manuscrito que escapara milagrosamente às buscas da Gestapo e que foi publicado pela Livraria Delatre com o título: «La Prodigieuse histoire de l'humanité». Este estudo objectivo, que despoja a história dos seus mitos e apresenta uma sintese cronológica da história das Sociedades, abre perspectivas fecundas e lança grande luz sobre os acontecimentos actuais.

● *«Cuadernos de la literatura contemporanea», edição do Instituto de Investigaciones Cientificas, vão dedicar um número à moderna literatura portuguesa, para o que conta com colaboração de J. Gaspar Simões, A. Casais Monteiro, Manuel Breda Simões, Armando Ventura Ferreira, Joel Serrão, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, etc.*

● *Acaba de aparecer o 1.º volume de uma prometedora colecção de autores brasileiros, em que esperamos encontrar os melhores nomes da literatura brasileira contemporânea,* Olhai os lirios do campo, *romance de Erico Verissimo. Esta oportuna colecção apresentada com bom gosto gráfico é editada por «Livros do Brasil, Lda.», que inicia simultaneamente outra colecção com* O Livro de S. Michel, *de Axel Munthe, prometendo-nos a seguir* As Vinhas da Ira, *de John Steinbeck.*